

Cegueira e grito – Uma linguagem de resistência e de vocação em Marcos 10,46-52.

Ms. Hilda Turpo Hanco

RESUMO

O presente artigo faz uma análise literária do texto bíblico de Marcos 10, 46-52 do Novo Testamento. O texto relata a cura de Bartimeu e descreve a atuação da pessoa de Bartimeu e de Jesus na passagem por Jericó. Estes sujeitos sociais desempenharam papéis importantes que deram origem à construção da história de milagre. Fazendo uso dos métodos exegéticos e hermenêuticos quer-se evidenciar as experiências de Bartimeu que reflete uma história de exclusão, de grito, de resistência e de esperança em relação ao exercício de sua autodeterminação e seu testemunho de fé.

Palavras-chave: Jesus, esperança, cura.

ABSTRACT

This present article does a literary analysis of the text Biblical text of Mark 10, 46-52 of the New Testament. The text narratives the cure of Barthimaeus and describes the action of the person of Barthimaeus and of Jesus' passage through Jericho. These social subjects exert important role that give origin to the construction of the history of the miracle. Making use of the exegetic and hermeneutic methods which are evident in the experience of Barthimaeus that reflects a history of exclusion, cry, resistance and the hope in relation to the exercises of self-determination and the testimony of his faith.

Key-word: Jesus, hope, cure.

INTRODUÇÃO

A mensagem de Marcos entrelaça esferas da realidade para verbalizar aspectos profundos da experiência humana e ao mesmo tempo, se interessa e interpretar os fatos que são descritos e por fazê-lo de maneira que se estabelecem os vínculos de relação, poder, contexto econômico-social entre os atores principais. O texto nos servirá de exemplo de uma linguagem construída do contexto social-econômico para resistir às dificuldades surgidas e oferecer alternativas novas.

Esta profundidade esta expressa, basicamente, em quatro eixos temáticos que estão em tensão ao longo do texto. Após da tradução, o primeiro eixo atualiza a linguagem do contexto; o segundo eixo põe em cena a Bartimeu, suas características peculiares e seu grande apelo mediante o grito; o terceiro, mostra o pedido de Bartimeu; e o quarto, revela a concretização do pedido mediante Jesus. Este eixo aponta para a história o processo de salvação. Vejamos.

1. TRADUÇÃO DO TEXTO

Esta tradução não pretende substituir a original, mas quando se traduz se fazem opções e interpretações que podem, é claro, serem modificadas. Sirvimo-nos, pois, do texto bíblico tal como está na 27ª edição do Novum Testamentum Graece. Apresentamos aqui a tradução, na medida do possível, literal do texto Mc 10, 46-52.

46

- a) E chegaram a Jericó.
- b) E ao sair ele de Jericó
- c) com seus discípulos
- d) e uma multidão considerável,
- e) Bartimeu, o filho de Timeu, um mendigo, cego, estava sentado junto do caminho,

47

- a) E, quando ouviu
- b) que era Jesus, o Nazareno,
- c) começou a gritar e a dizer:
- d) filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!

48

- a) E muitos o repreendiam
- b) para que se calasse;
- c) mas ele gritava muito mais:
- d) filho de Davi tem misericórdia de mim!

49

- a) Parou Jesus e disse:
- b) chamai-o!
- c) E chamaram o cego,
- d) dizendo-lhe:
- e) Tem bom ânimo;
- f) levanta-te,
- g) ele te chama.

50

- a) E ele lançou seu manto,
- b) saltou e põe-se de pé
- c) e foi ter com Jesus.

51

- a) E dirigindo-se a ele Jesus disse:
- b) que queres que te faça?
- c) o cego respondeu-lhe:
- d) Mestre, que eu recupere a vista.

52

- a) Jesus lhe disse:
- b) vai,
- c) a tua fé te salvou.
- d) E imediatamente recuperou a vista
- e) e seguia-o pelo caminho.

2. O TEMPO DE BARTIMEU

O livro de Marcos reflete o ambiente social de três quartos do primeiro século. Há bastante concordância sobre a data de sua redação final, que deve ter acontecido depois do ano 70 d.C., o ano da destruição do Templo e de Jerusalém.

No ano 6 d.C., a Judéia passou a ser uma província da procuradoria de Roma, administrada, na época, pelo prefeito Arquelau. Um pouco mais

tarde, no tempo do segundo imperador romano, Tibério, que governou de 14 a 37 d.C., o ano de sua morte, as províncias da Síria e da Judéia pediram diminuição dos tributos, porque o sistema de “leiturgia” ia conduzi-las a uma situação de escravidão. Dada a indiferença das autoridades, surge então a revolta dos judeus contra o domínio romano com três metas: suspensão do pagamento dos tributos, suspensão dos sacrifícios pelo povo romano e seu César, e ereção da soberania política.

Segundo o relato evangélico, Bartimeu viveu neste período, nos dias do imperador Tibério César, de Pôncio Pilatos, procurador da Judéia, de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, do sumo-sacerdote Caifás.

Qual era a situação de um mendigo cego nesta época e nos quarenta anos seguintes para abrangermos os três quartos do primeiro século? Quais são os dados que temos deste período e que podem nos ajudar a compreender a situação em que vivia Bartimeu? Tendo em vista a base econômica:

A formação social de Israel na época de Jesus apresentou um sistema relativamente complexo, constituído por um sistema de classes sociais típico do modo de produção tributário, além das classes sociais e sua estratificação interna e a persistência de formas de relação tribais¹.

Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann², ao tratar do “enquadramento social dos seguidores de Jesus” colocam Bartimeu no grupo das pessoas absolutamente pobres. Bartimeu é descrito como cego e mendigo (*túflós* e *prosáites*), o que significa que pertencia ao grupo dos “*ptochoi*”, sobrevivendo com recursos abaixo do mínimo vital. Estes autores descrevem os “*ptochoi*” como os absolutamente pobres, aos quais faltava tudo. Necessitavam da ajuda dos outros para o indispensável, por isso eram obrigados a mendigar. Aos mendigos cegos (Mt 9,27; 12,22; 20,30; 21,14) incapacitados para trabalho, restava-lhes pedir esmolas. Um cego não era necessariamente um mendigo, mas Bartimeu era cego e mendigava, o que o colocava na categoria inferior da sociedade³.

Devido à sua condição, Bartimeu não era registrado e não interessava a todo esse sistema porque se encontrava totalmente fora do sistema tribu-

¹ HOUTART, F. *Religião e modo de produção pré-capitalista*, p.200.

² STEGEMANN W. E, *Storia sociale del Cristianesimo primitivo*, p. 342.

³ *Ib.* p. 161.

tário. Estando entre os mais carentes da sociedade, Bartimeu sobrevivia da bondade dos transeuntes que passavam no caminho para Jericó. Pouca ou nenhuma perspectiva tinha de sair de tal situação.

No Novo Testamento, o livro de Marcos é o primeiro a introduzir o termo *óchlos* para mostrar as classes mais baixas da sociedade e designar os excluídos dentro do sistema econômico, social e religioso⁴. No séc. I d.C., o termo designava as pessoas humildes que exerciam trabalhos desprezíveis e mais tarde todos aqueles que não conheciam a Lei. O Talmud define esta categoria como “aqueles que não comem o pão em estado de pureza”⁵.

Portanto, Bartimeu é um cego em Israel, mas também mendigo, o que o colocava na categoria dos mais necessitados, que dependiam da ajuda de outros para sobreviver.

3. BARTIMEU, UM SER HUMANO MUITO ESPECIAL

Baritmeu é descrito no texto como cego e mendigo. Vejamos o que significa ser cego na literatura bíblica. Em primeiro lugar, a cegueira na sociedade de Israel era considerada um castigo divino do pecado, porque impedia o estudo da Lei (Torá). Ao ver um cego, a bênção pronunciada era: “Bendito seja o Juiz verdadeiro!”, dando a entender que a cegueira era um julgamento justo de Deus contra os pecados da pessoa cega ou contra os pecados de seus pais, que se revelavam nos filhos⁶. Por isso, o mudo, o cego, o bêbado e o contaminado internamente eram dispensados de oferecer uma oferenda⁷. Esta doença estava associada à impureza ritual que excluía do templo, da sinagoga e do culto, marginalizando as pessoas⁸. Desta forma, o “sistema de pureza e impureza penetrará todos os níveis da vida da sociedade e ali estripará suas forças”⁹.

⁴ O termo *ochlós* é caracterizado como aqueles que formam o pano de fundo onipresente do ministério de Jesus; como pecadores e marginalizados sociais; membros da comunidade de Jesus; sem direito a liderança judaica e são temidos. Cf. MYERS, Ch. *O evangelho de São Marcos*, p. 198-9.

⁵ MORIN, E. *Jesus e a estrutura de seu tempo*, p. 137.

⁶ Cf. BROWN, C., COENEN, L. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. I, p. 396.

⁷ TERUMOT, Orden Primero, c. I, 6, p. 138.

⁸ Cf. SCHIAVO, L., VALMOR, S. *Jesus, milagreiro e exorcista*, p. 43-5.

⁹ ANDERSON, A. F., GORGULHO, G. *Jesus e seu tempo*, p. 10.

Cabe afirmar, também, que os textos bíblicos do Antigo Testamento (AT) conhecem a situação de um cego:

Ficarás tateando ao meio-dia, como o cego que tateia na escuridão e nada será bem sucedido em teus caminhos (Dt 28,29); como cegos que andam a apalpar em muro, sim, como os que não têm olhos, andamos às apalpadelas. Tropeçamos ao meio-dia como se fosse no crepúsculo; somos como mortos entre pessoas sadias (Is 59,10); erram como cegos pelas ruas (Lm 4,14).

Apesar das interpretações a partir do sistema de pureza e impureza, os cegos, entre os mais fracos e necessitados no meio do povo, estavam sob a proteção especial da Lei Mosaica, que continha artigos muito humanitários a favor deles: “Não amaldiçoarás o mudo e não porás obstáculo diante de um cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou lahweh (YHWH)” (Lv 19,14). Uma das maldições que o povo deveria proferir no monte Ebal era: “maldito seja aquele que extravia um cego no caminho! E todo o povo dirá: Amém!” (Dt 27,18). Nota-se a prática da piedade de pessoas que ajudavam os cegos, Jó 29,15 lembra aos seus amigos que cuidara dos desvalidos e servira de “olhos para o cego”.

As enfermidades dos olhos era extremamente freqüente no AT (30 vezes). A Bíblia conhece a cegueira na forma de oftalmia, uma doença altamente contagiosa (Gn 29,17), e de senil (Gn 27,1; 1Sm 3,2; 1Rs 14,4). As causas principais que podiam causar a inflamação dos olhos e levar à cegueira seriam o brilho do sol, a poeira e a sujeira¹⁰. Contudo, há vários fatores que contribuíam para isso, desde os hereditários até os climáticos, higiênicos ou psicossomáticos¹¹.

Na Septuaginta (LXX), a cegueira é empregada metaforicamente. As propinas podem cegar as pessoas de tal modo que elas não enxergam a injustiça (cf. Ex.23,8; Dt 16,19). Deus permite que o desobediente não acabe vendo o que é reto e verdadeiro (cf. Is 6,9). Os profetas no AT falam do estado de cegueira do povo de Israel, que, deixando a proteção de YHWH, se voltava para os ídolos (cf. Is 42,17.18.43,8.10-13). A lei prescreve gen-

¹⁰ Cf. BROWN, C., COENEN, L. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. I, p. 396.

¹¹ Cf. DISEASE H. R.K. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, v. I, p. 851-4.

tileza e ajuda em relação aos cegos, proibindo de se colocar obstáculos à sua frente (Lv 19,14; Dt 27,18).

No Novo Testamento (NT), a cegueira também é empregada metaforicamente. Jesus chama os fariseus de 'guias cegos' que conduzem outros cegos (Mt 15,14; Lc 6,39). Paulo (Rm 2,18.19) menciona que os judeus, treinados na lei, consideravam-se 'guias cegos' em relação aos pagãos que não conheciam a lei. Achava que somente eles, judeus, poderiam trazer luz e oferecer a verdade e o entendimento aos 'cegos' pagãos. Jesus não mostrou simpatia pela cegueira dos fariseus. Pelo contrário, condenou-os, pois a cegueira não reconhece os sinais do Reino e da chegada do Messias, tornava-os endurecidos.

Para a sociedade do tempo, ser cego implicava ser incapaz e ser um defeito cúltico, pois os cegos não podiam atuar como sacerdotes (cf. Lv 21,18). A cegueira era vista como um castigo divino ao pecado humano (cf. Jo 9,1-2), tanto é que na comunidade de Qumran¹² as pessoas não eram admitidas. Mas, para Jesus os cegos eram acolhidos e curados no caminho: em Betsaida (8,22s); Jericó (10,46s); e o cego de nascença de Jerusalém (Jo 9,24s). O cego e mudo de Mt 12,22s provavelmente é o mesmo mudo de Lc 11,14.

Marcos coloca a cura do cego Bartimeu, que conseguiu ver, no sentido físico e espiritual, como o contraste entre a atitude deste cego, que vê em Jesus o Messias e a atitude dos líderes que estavam cegos para a pessoa de Jesus. Salvo alguns, como Nicodemos (Jo 3,2), Zaqueu (Lc 19,1-10), o centurião, junto à cruz (Lc 23,47), as autoridades permaneceram cegas quanto ao fato de ser Jesus de Nazaré o enviado de Deus, "apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não crerem nele" (Jo 12,37).

Mas, o mesmo estado de cegueira não se limitava só às autoridades. Os próprios discípulos eram tardios em compreender a natureza de messianismo de Jesus. Mesmo após sua ressurreição, Jesus teve que dizer a dois deles, no caminho para Emaús "insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram" (Lc 24,25).

Neste sentido, o cego representa o grupo de discípulos na condição de 'incompreensão ou cegueira', demonstrada pelos irmãos Zebedeus ao expor

¹² Cf. BROWN, C, COENEN, L. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v. I, p. 396.

seu pedido ainda depois do terceiro anúncio da Paixão e morte (10,33s)¹³. A cegueira aparece aqui como a incompreensão do messianismo de Jesus, por isso o mantêm “sentado junto do caminho” (10,46 cf. 4,1s); e ao mesmo tempo, esta cegueira é revertida por Bartimeu ao mostrar todo o contrário (cf. 10,52). Somando a cegueira, a mendicância era a outra característica de Bartimeu.

Em segundo lugar, a mendicância de Bartimeu. No AT é raramente mencionado mendigo (*prosaítes*). Entretanto as inúmeras menções aos pobres, aos estrangeiros, às viúvas e aos órfãos e as recomendações de generosidade fazem pensar que havia muita gente que devia sobreviver mendigando. Eclo 40,28s afirma que era melhor morrer do que mendigar; a vida do mendigo não pode ser chamada de ‘vida’ pois somente um homem sem dignidade pode mendigar. Já no judaísmo tardio e no NT a mendicância era muito comum. Nos sinóticos, há cenas onde pedem esmolas ao longo das estradas ou nas portas do templo¹⁴.

Bartimeu, além de ser “cego” (*túflós*) era, também, “mendigo” (*prosaítes*). Como cego dificilmente lhe restaria outra opção, a não ser a de pedir esmolas. Dessa maneira, estava na mesma classe social dos degradados, impuros e pródigos, dos penderes, das prostitutas, dos pobres trabalhadores diaristas e dos curtidores. As condições de vida das pessoas dessa classe social eram aterradoras e suas oportunidades estavam virtualmente reduzidas a zero.

Deveras deplorável era a situação deste cego de Jericó: era cego e mendigo, duas circunstâncias que, freqüentemente, vão lado a lado. Para sobreviver, ele dependia da misericórdia alheia, de alguém que saiba escutar o seu grito.

4. O GRITO POR AJUDA

Foi Bartimeu que “ouviu” (*akúsas*) passar Jesus pelo caminho e sem duvidar começou a gritar (v.47c). O ouvido foi essencial para Bartimeu. Na perspectiva da sabedoria o “ouvir” tem um significado importante para o judeu, pois por ele todo o corpo se mobiliza (cf. João 4,12-13)¹⁵.

¹³ Cf. MATEOS, J. *Marcos 13*: p. 63-6.

¹⁴ Cf. MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 601.

¹⁵ WOLFF, H. W. *Antropologia do Antigo testamento*, p. 109.

No AT o vocábulo hebraico *’ōzen*¹⁶ (ouvido, orelha) raramente designa o membro corporal sem fazer a referência à ação de ouvir. A comunicação de assuntos importantes indica-se por médio da expressão de ‘descobrir o ouvido de alguém’ (1Sm 20,2.2s; 22,8.17; Rt 4,4).

Daquilo que se ouve espera-se por sua vez uma resposta. A boca expressa o que percebe do ouvido¹⁷. Tanto o ‘ouvir’ (Sl 38, 14a-14a) como ‘poder abrir a boca para responder’ (Sl 38, 14b -14b) constituem, basicamente, a essência de todo ser humano¹⁸. Certamente, é por isso, que o verbo grego ‘ouvir’ (*akúo*) é preservado nos evangelhos sinóticos e com maior razão o redator usa este verbo no verso 47a.

Assim, o surgimento do grito, após de ouvir, é uma iniciativa própria do cego Bartimeu. O grito (*krádzéin*) humano era forte e com muita determinação/segurança. O grito insistente (vv. 47-48) evidencia, primeiro, no campo teológico, o significado da fé de Bartimeu; segundo, no campo econômico-político e social, constata-se que o estado de situação em que se encontra o solicitante era precária e sofrida.

Pr 18,21 nos lembra que “morte e vida estão em poder da língua”. Bartimeu, certamente, escolheu a vida. Usou os ouvidos para informar-se sobre a passagem de Jesus e a língua para “gritar”.

No AT o termo hebraico *za’aká* (gritar) designa sempre uma manifestação sonora, emotiva. A sua raiz expressa a ação do grito humano de angústia que é, ao mesmo tempo, grito de dor e chamada de auxílio. Frequentemente os casos da raiz se dirigem explícita ou implicitamente a Deus¹⁹.

Na LXX o verbo grego “gritar” (*krádzō*) ocorre frequentemente. O grito que se retrata nos Salmos pulsa com certeza-fé que Deus responderá (4,4; 21,24; 54,17); a idéia de relacionamento com o onipotente é muito forte, neste ponto é diferente do uso helenístico²⁰.

¹⁶ Cf. JENNI, E., WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, v. II, p. 162-3.

¹⁷ WOLFF, H. W. *Antropologia do Antiguo testamento*, p. 109.

¹⁸ *Ib.* p. 108.

¹⁹ Cf. JENNI, E., WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, v. II, p.720-1.

²⁰ Cf. BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, v. II, p. 2391.

No NT, de modo especial, nos sinóticos²¹ percebe-se que na maioria dos casos se relaciona com a pessoa de Jesus. Há gritos de terror dos discípulos (Mt 14,16); gritos possuídos pelos demônios (Mc 5,5; 9,26; Lc 9,39); gritos fanáticos da multidão (Mc 15,13.14; Mt 27,23). No sentido figurado, Jesus fala do clamor das pedras (Lc 19,40). Com o grito os demônios reconhecem que Jesus é Filho de Deus (Mc 5,7); tanto a mulher Cananéia (Mt 15,22) como o cego ou dois cegos (Mt 20,31; 9,27; Mc 10,47; Lc 18,39) invocam a Jesus chamando-o de “Filho de Davi”.

Especificamente, em Marcos 10,46-52 o grito de Bartimeu é um grito humano cheio de angústia e dor que sai do ventre com uma potente força. Este grito provê um quadro perfeito de como alguém vai ao Filho de Deus, Jesus: “Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim” (v.47d e v.48.d) ansiando por uma vida plena e cômico de sua atitude miserável, grita por ajuda. Bartimeu é o eterno quadro de alguém em necessidade. Seu grito é um grito de protesto revolucionário, pois surgiu uma voz dentre os excluídos.

O grito de Bartimeu se constitui no Evangelho de Marcos como primeiro nível de confissão fé em Jesus e em seu envio (cf. 8,29). Ao Messias, Filho de Davi, atribuía-se não só a libertação de Israel, senão também solicitude e compaixão²². Então, Bartimeu implora a “compaixão/misericórdia” de Jesus.

Normalmente o termo grego *eléeos* é representado no hebraico por *hesed*²³. O uso lingüístico do judaísmo tardio é o mesmo do AT. O conceito hebraico representa um fundo histórico de pensamento totalmente diferente da base predominantemente psicológica dos intérpretes gregos. Em geral, *hesed* significa “comportamento correto segundo a aliança, a solidariedade que os participantes da aliança devem um ao outro. Então, *eléeos* pode-se traduzir como lealdade a uma aliança, até a bondade, a misericórdia, a dó”²⁴.

Por causa da superioridade de YHWH como o parceiro na aliança que permanece fiel, sua *eléeos* era entendida, de modo geral, como dávida generosa. Prometeu sua *eléeos* ao fazer a aliança, e constantemente a

²¹ Apresenta-se 12 vezes em Mateus, 10 em Marcos e 04 em Lucas, cf. BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, v. II., p. 2391.

²² Cf. LENTZEN-DEIS, F. *Comentario al Evangelio de Marcos*, p. 331.

²³ A raiz aparece em hebraico e aramaico 245 vezes no AT. Em hebraico domina o sentido positivo (bondade, graça). Cf. JENNI, E., WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, v. I, p. 832-3.

²⁴ BROWN, C., COENEN, L. *Diccionario Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1294.

renovava. Logo, Israel podia pedir da parte dele a *eléeos*, que incluía a misericórdia de perdão quando a nação quebrassem a aliança (Ex 34,9; Nm 14,19; Jr 3,12).

Quando YHWH age assim, é também, quando o homem age de modo semelhante, ressalta-se, não a atitude básica de *eléeos*, mas sim, sua manifestação nos atos²⁵. Dessa mesma forma, a atitude de Bartimeu perante a misericórdia de Jesus se manifesta no seguimento.

A forma verbal *eléeson* que coloca em relevo “a irrupção da misericórdia divina encontra-se nos lábios dos que se acercam a Jesus pedindo-lhe salvação e invocando sua messianidade”²⁶, eles são: os cegos, um deles Bartimeu (10,47s e paralelos), o endemoninhado (Mt 20,30s), a mulher Cananéia (Mt 15,22 a diferencia de Mc 7,25) e o endemoninhado epilético (Mt 17,15, a diferencia de Mc 9,17).

Jesus, o nazareno, ‘irrompe da misericórdia divina’ no meio da realidade, da desgraça humana. Mediante sua obra de libertação, anúncio, ensinamentos, curas e outros demonstrava sua autoridade.

Bartimeu, no entanto, investe totalmente na sua fé. Ao destacar o verbo “gritar” mais o discurso direto “Filho de Davi, Jesus tem misericórdia de mim” (v. 47d), Egger o traduz na expressão de *oração confiante*, pois ela exprime tanto a confiança em Jesus enquanto Filho de Davi como a invocação à misericórdia²⁷.

Jesus atendia o grito de auxílio, de ajuda, de socorro da parte dos doentes, dos endemoninhados, dos cegos como no caso de Bartimeu. Esta resposta de Jesus provocou uma atitude súbita em Bartimeu que somente Marcos o narra.

5. A REAÇÃO DE BARTIMEU

A reação de Bartimeu (v.50) foi imediata e expressada por gestos: ele lançou o seu manto – *apobalón to himátion* (v. 50a). Em sua condição de cego e mendigo, Bartimeu devia usar um velho e surrado manto. Seu modo

²⁵ Ib. p. 1294.

²⁶ BALZ H., SCHNEIDER, G. (Org.) *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, v. I, p. 1310-4.

²⁷ Cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 127.

de trajar mostrava a todos sua condição miserável. Esse manto devia servir-lhe, também, de esteira, onde dormia. “Atirá-la longe, sugere que o homem acreditava que não precisaria mais dele, que ficaria curado”²⁸.

Diversos intérpretes vêm aqui um colorido oriental²⁹. A roupa, no AT, junto com o alimento constitui uma necessidade vital e básica (Is 4,1)³⁰. Parece que o manto representava um estorvo, pois lhe servia como leito de repouso e como capa para cobrir-se³¹. Como a roupa identifica a condição social e a situação da pessoa, deixar o manto, além de desembaraçar-lhe os movimentos, sugere também mudança de vida: ele estava deixando as dificuldades, as trevas da cegueira e o opróbrio da mendicância, para tornar-se um discípulo de Jesus.

O ato de Bartimeu, em desfazer-se do manto indica à comunidade que, no seguimento de Jesus, deve desfazer-se de tudo o que atrapalha esse seguimento. Deve lançar fora toda indiferença, descrença e des-compromisso. Deve, audazmente, seguir o salvador, testemunhando dele em palavra e ação, como fez o cego curado, mas antes tinha que ir ao encontro com Jesus.

Logo após, vêm, no v.50b, o verbo “saltou e põe-se de pé” (*anapedésas*). Foi “um salto da alma, e não apenas das pernas”³². Quando “Ele lançou o seu manto, saltou e põe-se de pé e foi ter com Jesus” (v. 50) destaca-se a imensa emoção do momento. Antes, o cego se mantinha imóvel, sentado por causa de sua cegueira, agora, sabendo que Jesus estava passando, ele está em movimento ativo. A saída triunfal de Jericó, por parte de Jesus, não teria sido triunfal para Bartimeu, se Jesus tivesse passado por ele, e ele continuasse cego. Bartimeu sabia que Jesus era capaz de curá-lo, mas ele sabia, também, que era por causa de sua fé.

Mestre, que eu recupere a vista

Esta frase dita por Bartimeu é o centro do texto, vejamos a sua importância. O AT, como já foi dito, destaca a importância do ouvido e da linguagem

²⁸ HURTADO, L.W. *Novo comentário bíblico contemporâneo – Marcos*, p.192.

²⁹ Cf. LOHMEYER, E. *Das Evangelium des Markus*, p. 225.

³⁰ JENNI, E., WESTERMANN, C. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, v. I, p. 1186.

³¹ Cf. PESCH, R. *Das Markusevangelium II Teil*, p. 173.

³² CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. v. I, p. 754.

para a compreensão verdadeiramente humana e, também, destaca da vista, pois “para perceber as ações de YHWH são necessários tanto *ver* como *ouvir* (Ex 14,13; Dt 29,1-3; Is 43,8). *Abrir os olhos* deve-se à *palavra*”³³.

Na perícopre de Marcos, no v. 51d, Bartimeu dirigiu-se a Jesus chamando-o de “Meu Senhor”, “Meu mestre” (*rabbuni*) – expressão de profundo respeito – e pediu-lhe uma cura/milagre: “que eu recupere a vista” (*hina anablépsō*).

Duas características a serem notadas nesta frase e que me parecem importantes de explicitá-las porque elas se complementam. Primeiro, o substantivo feminino *anablésis* significa “recuperação da visão”³⁴ e a preposição *ana*, que além de significar “acima, para cima”, pode significar também “de novo”. Isso daria entender que o uso do verbo *anablépo* não era, propriamente, a indicação de um cego de nascença³⁵, como o cego que foi curado por Jesus, mencionado no evangelho de João (cap. 9). Este possível significado do verbo que já enxergava anteriormente e que por alguma razão acabara ficando cego é reforçado pelo fato de se acercar a Jesus sem ajuda de ninguém³⁶. Segundo, olhando para o AT, o verbo “Recuperar a vista” (*anablépo*) relaciona freqüentemente o significado teológico e hermenêutico em que se requer a profunda percepção da fé. O fato de ‘recuperar a vista’ é sinal de que está alvorecendo a era escatológica-messiânica da salvação (Mc 8,24; 10,51 e paralelos): Então, “o ato crente de ver é consequência do encontro com a oferta escatológica de Salvação que Deus faz em Jesus”³⁷.

A cura acontece. Isto é um fato claro no texto. A cura evidência, por um lado, que Jesus atende o apelo de ajuda e, por outro lado, da maneira como Bartimeu manifesta o seu pedido. Toda cura pressupõe fé.

6. FÉ E CURA

O AT entendia que a cura não se trata, apenas de curação, senão de constatar se o doente era impuro ou puro, isto é, se o doente pode partici-

³³ WOLFF, H. W. *Antropologia do Antigo testamento*, p. 109.

³⁴ GRINGRICH, F. W. *Léxico do Novo Testamento grego/português*, p. 19.

³⁵ NOLLI, G. *Evangelho secondo Marco*, p. 272.

³⁶ Cf. TAYLOR, V. *Evangelio según San Marcos*. p. 534-8.

³⁷ BALZ, H.; SCHNEIDER, G. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, v. I, p. 224-5.

par na comunidade cultural ou teria que ser separado³⁸. Para Israel é YHWH quem tem a exclusividade no trato com a enfermidade.

Unicamente Yahvé é Senhor da enfermidade e da curação. Essa é a constante certeza bíblica. No AT normalmente não se distingue entre curas naturais e milagrosas. Intervem ou não prescrições e remédios humanos, é essencial sempre que o doente na sua enfermidade e aquele que se está curando na sua cura encontre a Deus. [...] Vai por conta do interessado se manter a experiência de Yahvé e o incorpora a toda sua vida³⁹.

A função da cura no AT não era o caráter extraordinário da instrução divina que impressionava, mas antes a própria intervenção em si. Essa intervenção em si era o sinal de misericórdia e benevolência divina de onipotência e glória. “Os sinais de Jesus, no NT, faziam parte de sua missão messiânica”⁴⁰ (11,5; Lc 7,22).

A cura acontece por causa da fé: “Va, a tua fé te salvou” (v. 52b-c). O elogio que Jesus faz a Bartimeu é o mesmo elogio feito à mulher que tinha fluxo de sangue (Mc 5,34). A fé é uma qualidade que Bartimeu e dos amigos do paralisado demonstraram (Mc 2,5). Estas são as únicas pessoas cuja fé é elogiada em Marcos⁴¹, embora poder-se-ia incluir, também, a fé que demonstrou a mulher siro-fenícia (Mc 7,29).

De fato, Bartimeu tinha fé porque ele *imediatamente recuperou a vista* – *euthús avéblepsen* (v. 52c). A fé dos evangelhos como a fé⁴² do AT, não é simplesmente crença e confiança; a crença e confiança surgem da fé, que, por sua vez, é aceitação de uma pessoa e de suas exigências. Nessa aceitação está implícita a adesão ao poder que Jesus mostra possuir; fé no poder e na pessoa de Jesus foi necessária para que Bartimeu fosse curado. No evangelho de Marcos, a fé é o meio, pelo qual o homem tem poder mediante a ‘entrega’.

³⁸ Cf. WOLFF, H. W. *Antropologia do Antigo testamento*, p. 198.

³⁹ WOLFF, H. W. *Antropologia do Antigo testamento*, p. 200-1.

⁴⁰ BORN, A. van den et al. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 989.

⁴¹ Cf. HURTADO, L.W. *Novo comentário bíblico contemporâneo – Marcos*, p. 192.

⁴² No AT fé significa “ser firme ou sólido”, e daí, “fiel”. Cf. MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 341-2.

De preferência, emprega-se –fé– no caso em que pessoas vêm a Jesus em busca de ajuda; aí a fé consiste na certeza de que Jesus pode ajudar, porque tem poder sobre as doenças. Esta certeza, porém, é mais do que mera fé de milagres, pois envolve uma tomada de posição para com a missão e a pessoa de Jesus, que se expressa, por exemplo, nas interpelações de rabbi, mari, rabbunai, filho de Davi, que são mais do que títulos de cortesia⁴³.

Muitos outros entraram em contato com Jesus, mas nem todos experimentavam a vida restaurada do Reino. Um desses era o cego de Betsaida. É interessante fazer o confronto entre a cura do cego Betsaida (8,22-26) e a de Bartimeu. A cura de Betsaida foi progressiva, em duas etapas: Jesus cuspiu nos olhos cegos e, depois colocou as mãos sobre eles. O cego de Betsaida vê “as pessoas como se fossem árvores andando” (8,24), para depois “ver tudo nitidamente e de longe” (8,25). A seguir, o ex-cego recebe de Jesus a ordem para voltar para casa e não entrar no povoado (8,26). A cura de Bartimeu, no entanto, é caracterizada por um *diálogo* que coloca, explicitamente, em relevo a fé que faz saltar e ir ter com Jesus. Após a cura executada num instante, Jesus não ordena nada e Bartimeu segue o Mestre “no caminho” (10,52).

As diferenças entre essas duas curas, relatadas por Marcos, não podem ser fruto do acaso. Entre as duas narrativas, está a confissão de Pedro e a subida de Jesus e seus discípulos a Jerusalém (8,27; 10,17.32.34). Como progressiva foi a cura de Betsaida, assim, também foi a fé dos discípulos, a qual deveria chegar ao nível da fé confiante e comprometida de Bartimeu –que é indispensável para que a gratuidade da salvação seja manifestada pela solicitude de Jesus. Marcos sabe que, no grupo assustado de discípulos, a comunidade eclesial da fé está gradualmente se formando.

Os dois episódios nos quais Jesus curou homens cegos desempenham um papel importante no Evangelho de Marcos. Esses episódios agrupam uma seção pivot, na qual os discípulos, depois de Jesus lhes ter revelado seu destino como Filho do Homem sofredor, que devia morrer e ressuscitar, falharam em compreendê-lo (8,31-32; 9,31-32; 10,35-45). Na verdade, o episódio de Betsaida (8,22-26) é agrupado à cena característica da incom-

⁴³ JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*, p. 250-1.

preensão dos discípulos (8,14-21.27-33). Claramente, a imagem da cegueira e restauração da vista tem um papel simbólico aqui, servindo como comentário à falta de percepção espiritual. Como o homem cego de Betsaida, os discípulos irão ver plenamente somente em estágios, com o evento divisório (cruz e ressurreição) ainda por vir. A confirmação da conexão é feita entre “cegueira”, “visão” e “discipulado”.

A fé não foi o foco central na cura do cego Betsaida devido ao contexto do relato, mas isso não impede afirmar que a fé é o ponto de partida para que ocorra a cura, a salvação (*sozo* – *sesóken*). A salvação física exigia a resposta da fé. Ela não entrava em função *ex opere operato*. Era necessária uma resposta espiritual para receber a bênção física. Semelhante fé não somente salva, mas impele ao seguimento.

7. CONCLUSÃO

Perante a cegueira nos textos bíblicos em geral e na perócope em estudo quer-se mostrar que há um discurso, no nível religioso, por um lado, de condicionamento e controle sobre os corpos doentes, e, por outro lado, de incorporação em movimentos de subversão e transformação, na luta pela sobrevivência diária, fazendo a diferença dos processos de libertação. Evidencia-se, também, que o controle dos corpos se dá segundo a atuação comunitária, a condição social e econômica. Bartimeu é um claro exemplo nesse sentido.

Marcos retrata o cego Bartimeu, como aquele que, imediatamente depois da restauração de sua visão, tornou-se um ‘discípulo de Jesus’⁴⁴ e, como aquele que, sabe reconhecer a autoridade de Jesus, o Nazareno, e por isso o chama de Mestre e Filho de Davi.

O texto nos mostra que as limitações físicas não são impedimentos para iniciar e realizar o Projeto de Vida, o projeto que precisou de coragem, perseverança, procura e de muita fé para seguir aquilo que se deseja na vida: A Vida. A criação se fez pela Palavra, a Palavra se fez Verbo e o Verbo é Vida.

⁴⁴ Esta afirmação deve-se ao fato de que o redator do texto lembrou o nome de Bartimeu, cf. CRANFIELD, C. *The gospel according to St. Mark*, p. 346.

Ms. Hilda D. Turpo Hanco

Teóloga e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, Colin, COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. v.I-II. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. v.I-II. São Paulo: Milenium, 1982.
- HOUTART, François. *Religião e modo de produção pré-capitalista*. São Paulo: Paulinas, 1982
- HURTADO, L.W. *Novo comentário bíblico contemporâneo – Marcos*. Florida: Vida, 1995.
- JENNI, Ernst, WESTERMANN, Claus *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. v. I-II. Madrid: Cristiandad, 1978.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983
- LENTZEN-DEIS, Fritzeo s.j. *Comentario al Evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización*. Navarra-España: Verbo Divino, 1998.
- LOHMEYER, Ernst. *Das Evangelium des Markus*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.
- STEGEMANN, W. Ekkehard, STEGEMANN, Wolfgang. *Storia sociale del Cristianesimo primitivo*. Bologna: EDB, 1998. (Or. Al. 1995).
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo testamento*. São Paulo: Paulinas, 1993.